

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

CIDADE INDUSTRIAL

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

III - Cidade Industrial

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## CIDADE INDUSTRIAL

### CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

*Gonzalo Andrés López*

pág. 29

Cidade Industrial

*Jorge Fernandes Alves*

### COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

*Andreia Silva*

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

*Celma Chaves, Rebeca Dias*

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

*Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra*

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

*Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano*

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

*Eduardo Fernandes*

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

*Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves*

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

*Eva Baptista*

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

*Gilmar Mascarenhas*

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

*J. A. Gonçalves Guimarães*

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

*José Mano Torres*

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

*José Pedro Maia Reis*

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

*Leticia Souto Pantoja*

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

*Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira*

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

*Manuel Ferreira Rodrigues*

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

*Maria da Luz Sampaio*

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

*Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco*

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

*Miguel Castro*

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

*Paula Amaro, Décio R. Martins*

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

*Santiago de Miguel Salanova*

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

*Sheila Palomares Alarcón*

# “Do lugar à cidade da Trofa – Um século de industrialização”

**José Pedro Maia Reis**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

[josepedroreis88@gmail.com](mailto:josepedroreis88@gmail.com)



**Resumo**

As duas freguesias (S. Martinho de Bougado e Santiago de Bougado) que originaram a cidade da Trofa desde uma fase bastante remota tiveram uma ocupação humana, tendo uma evolução impar após a chegada do comboio e de duas estradas da rede viária ao território que acabariam por incentivar à fixação de investimento e por conseguinte de uma enorme massa humana para satisfazer as necessidades de mão de obra dessas empresas que ao longo dos anos se foram fixando na localidade.

No último quartel do século XIX, estavam as condições reunidas para se iniciar os investimentos em larga escala na futura cidade e numa primeira fase, com as oficinas a surgirem nas redondezas da estação de caminhos de ferro, rapidamente acabaria por ver surgir as indústrias têxteis, fábricas de chapéus e num nível temporal mais adiantado no final do primeiro quarto de século as indústrias de metalomecânica e de indústria mecânica.

Uma industria que se consolidou, sendo nos anos quarenta superior a uma centena as empresas e oficinas sediadas na Trofa que contribuíram definitivamente para a evolução de um lugar a vila, para em 1993 atingir o estatuto de cidade.

Analisando a evolução da indústria, principal pilar que encaminhou a localidade para novos e maiores patamares administrativos, sendo importante referir outros motivos que contribuíram decididamente para receber o estatuto de cidade, nomeadamente: oferta educativa, corporação de bombeiros e por fim a cultura e lazer operário. Enumerando esses fatores fundamentais para definir uma cidade.





## 1. Introdução

A cidade da Trofa na atualidade e recuando até a um passado recente, sempre foi usada como sinónimo de progresso, indústria e desenvolvimento económico, uma localidade de inúmeras empresas algumas delas referências a nível nacional com centenas de trabalhadores. Contudo, importante perceber qual foi o caminho percorrido e as mudanças registadas para que esse cenário fosse possível no presente.

Importante fazer uma alusão ao facto até aos primórdios do séc. XX em que a cidade da Trofa era um simples ponto de passagem na estrada que ligava a cidade do Porto até Braga.

A presente comunicação pretende, através da análise sobretudo de fontes primárias, conhecer e perceber os processos de evolução, os avanços e recuos que encaminharam a Trofa para o seu estado atual.

Uma importante reflexão para compreender como um simples ponto de passagem, um lugar que tinha território em duas freguesias, acabaria por dar o nome a uma vila e uma cidade e no final do século XX, concretamente a 19 de novembro de 1998 acabaria por elevada a concelho. O concelho mais jovem do país até ao presente (2017)

## 2. Mudanças administrativas

O futuro concelho da Trofa pertenceu até 1836 ao concelho da Maia, um dos maiores concelhos existentes em Portugal nos finais da idade moderna que em virtude das várias reformas administrativas foram lhe retiradas algumas das suas freguesias.

Procurando informações mais pormenorizadas sobre as mudanças administrativas, com a criação da Junta de Paróquia de Santiago de Bougado e a freguesia do Muro a deixar de pertencer ao concelho da Maia para ser integrado em Santo Tirso. Depois numa fase seguinte, conforme referido anteriormente, as restantes freguesias do atual concelho da

Trofa foram transferidas também para o município tirsense.<sup>1</sup>

A importância de Santiago de Bougado em ser Junta de Paróquia em 1836, concretamente em 17 de janeiro, pelo importante facto de a partir daquele acontecimento deter um órgão de poder administrativo local e gozar de uma certa autonomia.<sup>2</sup>

A ligação das oito freguesias vindas da Maia, anexadas a Santo Tirso, por diversas razões: políticas, sociais e económicas, marcariam uma relação de tensão com o poder da sede do concelho de Santo Tirso.

Ricardo Santos Pinto, em *À Descoberta do Vale do Ave* referiu que a partir do momento que as freguesias da Trofa foram incorporadas em Santo Tirso a sua população não aceitou aquela diretiva administrativa, segundo o próprio a Trofa nada tinha haver com aquela localidade. Referindo que era uma ligação artificial e que houve um aumento de tensão à medida que as receitas dos impostos cobrados na Trofa aumentavam nos cofres da autarquia tirsense.<sup>3</sup>

Os focos de tensão ficaram espelhados na imprensa local em 1928, afirmando-se: "...que a Trofa era: uma terra humilhada, escarnecida, tratada com todo o desdém pelos poderes públicos, jazia inativa e vencida ...".<sup>4</sup> Afirmando-se alguns meses depois em 1929, que a Trofa tinha estacionado, uma alusão à falta de desenvolvimento.<sup>5</sup>

As críticas subiram de intensidade, escrevendo-se na primeira página do periódico local, a 6 de outubro de 1929 que a Trofa estava abandonada.<sup>6</sup>

No ano de 1998 as oito freguesias fizeram nascer o concelho da Trofa, sendo até ao momento (2017) o concelho mais jovem do país.

<sup>1</sup> PINTO, Ricardo Santos; *À Descoberta do Vale do Ave: Rotas do Património Edificado e Cultural*, Paços de Ferreira: Héstia, 2006, pag.39

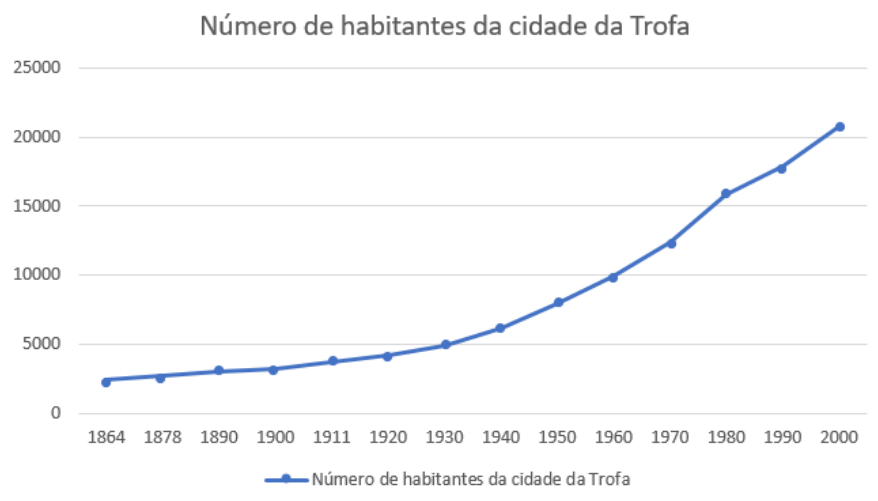
<sup>2</sup> PINTO, Ricardo Santos; *À Descoberta do Vale do Ave: Rotas do Património Edificado e Cultural*, Paços de Ferreira: Héstia, 2006, pag.42

<sup>3</sup> PINTO, Ricardo Santos; *À Descoberta do Vale do Ave: Rotas do Património Edificado e Cultural*, Paços de Ferreira: Héstia, 2006, pag.39

<sup>4</sup> "Um ano de trabalho" *O Trofense*, junho 24, 1928

<sup>5</sup> "A Trofa estacionou" *O Trofense*, fevereiro 3, 1929

<sup>6</sup> As freguesias, como a Trofa, abandonadas" *O Trofense*, outubro 6, 1929

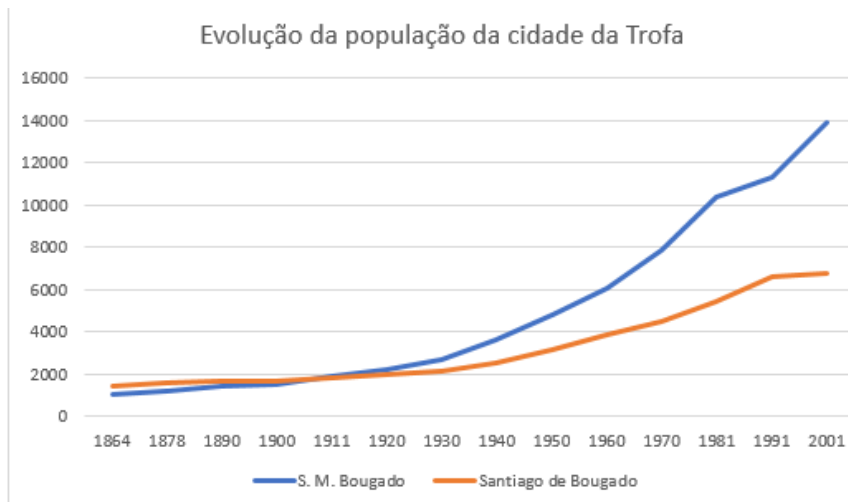


Fonte: Censos

### 3. Evolução da localidade e do seu número de habitantes

Sendo necessário compreender a evolução da população ao longo do século XX, uma perspetiva do desenvolvimento do número de habitantes desde 1864, para melhor compreender o fenómeno demográfico nos 100 anos de indústria.

Uma evolução progressiva até 1900, não superando os 5 mil habitantes, sendo em 1864, o número de 2420 residentes. Na segunda metade do século XX, com a população das duas freguesias em 1950 a ser de 7999, sendo em 2001 de 20692 habitantes. Uma desmedida evolução, assinalando uma elevada dinâmica demográfica.



Fonte: Censos

Procurando elucidar de forma mais evidente, sendo de mais fácil percepção para quem indaga a evolução demográfica, surgiu a necessidade de indagar essa evolução, freguesia a freguesia, com dados mais concretos e aproximados para a realidade de cada uma.

Próximo aos meados do século XIX até aos censos de 1900 a população era superior na freguesia de Santiago de Bougado, todavia, o número de habitantes entre as Santiago e S. Martinho não são muito dispares, foram permanentemente bastantes próximas, não sendo superior à sua diferença em cinco dezenas e de forma gradual foram-se acercando até aos Censos de 1900. Nos Censos seguintes dissecando os dados foi possível afirmar que até 2001 a freguesia de S. Martinho de Bougado foi ganhando cada vez mais habitantes comparando com Santiago. Uma superioridade que começou com as cinco dezenas de habitantes e no início do novo século era superior a sete milhares de residentes.

Uma possível justificação para esses dados, o aumento da industrialização<sup>7</sup>, apoiando-se na proximidade com a estação de caminho de ferro, importante infraestrutura, enquanto Santiago de Bougado só posteriormente ficou servida de comboio, mas as infraestruturas ferroviárias nessa freguesia, nunca chegaram a atingir a dimensão das existentes em S. Martinho de Bougado.

<sup>7</sup> Assunto a abordar no subcapítulo da indústria e do comércio

#### 4. Evolução da malha empresarial e do comércio

O comboio chegado no século XIX, iria aos poucos e poucos revolucionar a localidade, preparando-a de forma gradual para as profundas modificações que iria sofrer. Num primeiro patamar a indústria não possuiu um grande desenvolvimento, contudo, nos primeiros anos do novo sistema político instaurado em 1910 as primeiras fábricas e oficinas principiaram a ocupar os espaços próximos aos quarteirões da antiga estação de caminhos de ferro. Nas redondezas daquela infraestrutura surgiram os primeiros edifícios devidamente preparados para receber indústrias, as primeiras chaminés rasgavam o céu e a Trofa via a sua paisagem urbana a ser mudada aos poucos.

Embora, sendo importante referir que nas localidades vizinhas da cidade da Trofa desde os últimos anos do século XIX surgiram cada vez mais empresas, não somente da indústria têxtil como o caso da Fábrica do Rio Vizela<sup>8</sup>, mas também do sector alimentar como em 1898 com a fixação de uma fábrica dedicada a fazer manteiga em S. Tomé de Negrelos.<sup>9</sup>

Contudo, segundo Napoleão de Sousa Marques<sup>10</sup>, no seu livro de história local: *Duas comunidades um só povo*, a primeira atividade industrial que despontou na Trofa, (concretamente em S. Martinho de Bougado) no final do século XIX e princípios do século XX, era o fabrico de máquinas denominadas de tararas que eram usadas para limpeza e tratamento de vários tipos de cereais que foram vendidas por todo o país.<sup>11</sup>

O primeiro anúncio sobre empresas e oficinas localizadas nas duas freguesias, surgiu na imprensa de Santo Triso a 4 de maio de 1911, referindo-se a uma serralharia mecânica: *Rodrigo de Oliveira Duarte*, em anúncios seguintes nas páginas do *Jornal de Santo Tirso*, referência à localização das suas instalações próximas à estação de caminho de ferro, contudo, a informação mais importante sobre esse anúncio o facto de fazer referência a ser uma antiga oficina, *Serralharia Magalheiro*. Contudo sobre essa antiga oficina não foi possível encontrar mais informações, ignorando a sua data de fundação.

Comprovando o argumento que em primeiro plano surgiram as pequenas oficinas para a produção de máquinas agrícolas, devendo referir que o sector primário estava fortemente enraizado na economia local até à chegada da indústria, aproveitando a fertilidade do seu solo.

<sup>8</sup> A fábrica do Rio Vizela é uma realidade 12 de setembro de 1845 com o nome de “Sociedade de fiação de Visella” que era o resultado de uma parceria mercantil que pretendia estabelecer uma fiação de algodão. A construção do edifício, iniciada a 10 de outubro de 1845. O seu nome atual de Fábrica de Fiação e tecidos do Rio Vizela, Lda.” surgiu apenas a 30 de maio de 1914 – <http://www.rotanoave.com/Item.aspx?Id=49> consultada a 14 de setembro de 2017

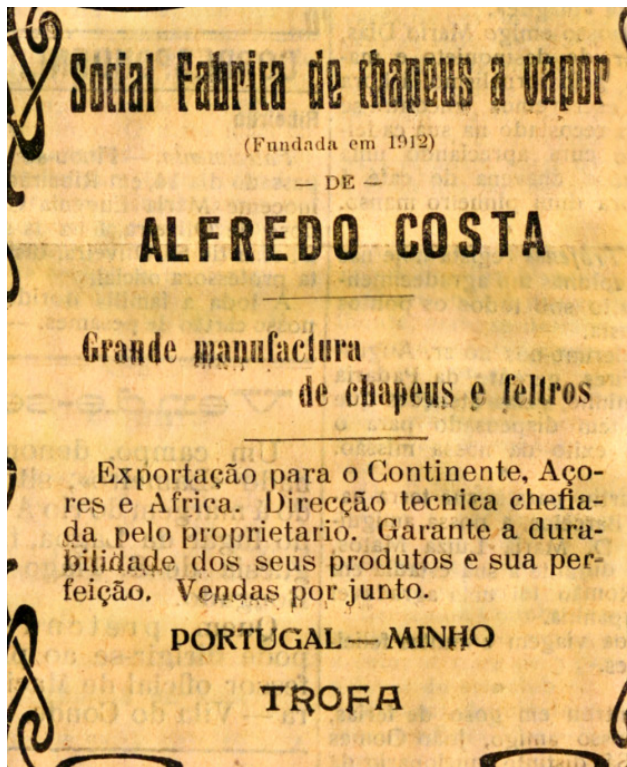
<sup>9</sup> “Nova fábrica em S. Tomé de Negrelos” *Jornal de Santo Tirso*, setembro 15, 1898

<sup>10</sup> Napoleão de Sousa Marques, professor primário, esteve ligado ao movimento associativo da Trofa, participando de forma ativa no processo de refundação do Clube Desportivo Trofense e na imprensa local, sendo um dos fundadores do *Jornal da Trofa* e ter participado de forma decisiva para a criação do canal de comunicação de rádio local com o surgimento da Rádio Trofa. A sua importância neste artigo deve-se sobretudo pelo facto de ter realizado alguns estudos na história local da Trofa.

<sup>11</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleção História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.85

O primeiro empreendimento industrial, segundo Napoleão de Sousa Marques que consistiu na primeira indústria sem ser uma oficina foi alegadamente no ano de 1912, com a *Industrial do Ave*, que se dedicava à transformação dos toros de pinheiro, em especial, e de outras árvores, em madeira para a construção civil e também de transformação de madeira destinada a caixas para transporte de fruta. A fábrica era localizada junto à estação à qual se deslocavam os vagões para carregamento do produto fabricado que na sua maioria era exportado para as antigas colónias.<sup>12</sup> A sua atividade manteve-se por vários anos, tendo sido o anúncio a essa mesma empresa ter sido retirado do jornal *O Trofense*, na década de 30 nos seus meados.

Um ano bastou para ser inaugurada a segunda unidade industrial, em 1913 foi inaugurada também nas proximidades da estação, dedicando-se à produção de chapéu, com a maior parte da sua produção a ser destinada à exportação.<sup>13</sup>



Fonte: *O Trofense*, setembro 22, 1929

<sup>12</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.85

<sup>13</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.86

A empresa fez alguma publicidade na imprensa local, na segunda década do século XX, como comprova a imagem seguinte, de um cartaz publicitário colocado nas páginas do *O Trofense*.

Sobre este anúncio publicitário podemos concluir que a data de fundação foi em 1912, tendo uma grande manufatura de chapéus e feltros e a sua exportação era direcionada para os Açores e África, sendo o seu produto duradouro e perfeito, vendendo por grosso, não havendo venda a retalho.<sup>14</sup>

Aproveitando a dinâmica industrial e comercial, surgiu a Associação Comercial e Industrial de Santo Tirso e em 1914, numa reunião da associação onde foi realizado um voto de pesar pela morte do seu fundador, Augusto da Costa Gonçalves, foram admitidos como sócios, vários empresários e comerciantes de S. Martinho de Bougado.<sup>15</sup> Poucos dias depois acabaria também por ser incluído um novo membro de Santiago de Bougado que era comerciante sendo aprovada a sua adesão em nova reunião.<sup>16</sup>

Na cidade da Trofa na década de vinte do século passado, continuaram a surgir a bom ritmo as casas de armazenagem nas redondezas da estação, como também um aumento exponencial do comércio a retalho.<sup>17</sup>

Vários foram os anúncios na imprensa local aludindo para a constituição de novas sociedades industriais, exemplo a constituída a 9 de abril de 1923, com vários sócios que eram moradores em S. Martinho de Bougado que criavam a *Firma Matias e Leal* com sede na Trofa, dedicada à indústria de chapéus, bonés e tamancos, abrindo a possibilidade de a sua produção se estender a outros produtos.<sup>18</sup> Ao longo desse ano vários foram os anúncios idênticos na imprensa sendo exemplo a constituição de uma outra empresa de serração de madeiras e uma outra dedicada à fiação e tecidos.<sup>19</sup>

Antes de terminar o ano de 1923, importante referir o surgimento de uma empresa que iria marcar a história da indústria nas duas freguesias em estudo, a 21 de dezembro era inaugurada a denominada *A Industrial da Trofa*<sup>20</sup>, que iria marcar o provavelmente o início da industrialização das moagens de cereais e farinhas, descrevendo aquelas instalações

<sup>14</sup> Social Fábrica de Chapéus a Vapor – Alfredo Costa” *O Trofense*, setembro 22, 1929

<sup>15</sup> “Associação Comercial e Industrial” *Jornal de Santo Tirso*, fevereiro 5, 1914

<sup>16</sup> “Associação Comercial e Industrial” *Jornal de Santo Tirso*, fevereiro 19, 1914

<sup>17</sup> No periódico *Ecoss da Trofa* nessa época, elevado número de anúncios de casas de comércio a retalho, como talhos, alfaiataria, mas também de mercearias e armazéns de produtos alimentares, entre eles azeite e cereais.

<sup>18</sup> “Constituição a sociedade por quotas sob a firma Matias e Leal Lda. com sede na Trofa em S. Martinho de Bougado” *Jornal de Santo Tirso*, abril 12, 1923

<sup>19</sup> “Constituição da Empresa Fabril da Trofa – limitada por sociedade por cotas com sede em S. Martinho de Bougado” *Jornal de Santo Tirso*, maio 31, 1923

<sup>20</sup> Importante referir que foi até há pouco tempo, a empresa mais antiga em laboração na área geográfica das duas freguesias, tendo suspenso a sua laboração há poucos anos após problemas financeiros, contudo, ainda possível ver as suas instalações na Avenida de Paradelas.



industriais como: inéditas com os mecanismos mais avançados, referindo também: “Tratava-se de uma moagem que ia engrandecer um meio já progressivo que era a Trofa e que honrara a indústria nacional”.<sup>21</sup>

O ano de 1926 foi o ano de nascimento da empresa que acabaria por ser importante para o desenvolvimento da indústria têxtil na localidade, sendo necessário para apoio à laboração da primeira indústria a *Fábrica de Tecidos da Trofa*, outras indústrias para produzir os materiais necessário para a produção da primeira ou inclusivamente complemento de produção. O impulso para estas fábricas ocorreu somente numa segunda fase, segundo Napoleão de Sousa Marques, apenas na década de 1930 isso iria acontecer, contudo devido à fragilidade das indústrias muitas acabariam por fechar durante o conflito mundial da 2ª Grande Guerra.<sup>22</sup>

A referida empresa<sup>23</sup> nasceu junto à Igreja Matriz da Trofa, tendo como figura central a figura de Abílio da Costa Couto e a firma entrou em dificuldades com a sua morte em 1950 e foi definhando até falir.<sup>24</sup>

A constituição da firma denominada *Fábrica de Tecidos da Trofa*, aconteceu a 21 de março de 1924, referindo-se na notícia da sua constituição que eram sete indivíduos que iam criar aquela empresa, referindo-se também que tinham o objetivo de a tornar uma indústria e comércio de fiação e serração, podendo se estender a outros negócios.<sup>25</sup>

Havia cada vez mais estabelecimentos na cidade, dedicados ao comércio por grosso e a retalho, alertava-se em agosto de 1927 na imprensa para a falta de um mercado, referindo que nesse mercado poderiam se deslocar os inúmeros agricultores, industriais e comerciantes com os seus produtos, indicando a sua localização para o Largo de Nossa Senhora das Dores.

Justificando esse investimento público porque a Trofa não era nenhuma aldeia, e também as povoações mais próximas tinham bastante gente sendo grandes centros populacionais.<sup>26</sup> Contudo passando vários meses, em maio de 1928 ainda se debatia a construção daquele equipamento.<sup>27</sup>

<sup>21</sup> “A Industrial da Trofa Lda. – a sua inauguração” *Jornal de Santo Tirso*, dezembro 27, 1923

<sup>22</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleção História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.86

<sup>23</sup> O edifício ainda existe no presente, estando para breve uma série de obras para conservação e adaptação do mesmo, para receber os escritórios de um dos grupos empresariais em número de empregados e volume de negócios. Importante destacar que a sua chaminé se tornou um dos ex-libris da Trofa, das poucas das muitas que existiram no passado e que sobreviveram até 2017.

<sup>24</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleção História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.85

<sup>25</sup> “Constituição por quotas denominada Fábrica de Tecidos da Trofa, Lda.” *Jornal de Santo Tirso*, abril 10, 1924

<sup>26</sup> “Bairrismo – Um mercado na Trofa” *O Trofense*, agosto 14, 1927

<sup>27</sup> “Defendendo a criação dum mercado na Trofa” *O Trofense*, maio 13, 1928

Importante referir que a época a rede viária da cidade era bastante frágil, com caminhos e acessos em muito mau estado que complicava bastante a circulação de viaturas, uma queixa sucessiva em vários jornais locais que era um entrave claro ao desenvolvimento económico e industrial da cidade.<sup>28</sup>

A Trofa apesar de algumas condicionantes ao seu desenvolvimento, ia crescendo de forma frenética, escrevendo-se na imprensa local em 1931 que a localidade tinha uma grande e laboriosa população, era um grande centro industrial, comercial e agrícola, destacando também as várias condicionantes: a falta de um mercado, de água canalizada, bombeiros e por último a conclusão das obras das várias avenidas iniciadas pelo poder local.<sup>29</sup>

Na década de 1930, atendendo ao elevado número de anúncios nas páginas do jornal local, comprava a existência de um elevado número de pequenas fábricas e armazenistas, como também estabelecimentos de venda a retalho.

Uma breve incursão até 1939, para melhor compreender a evolução da indústria, importante referir o surgimento das *Máquinas Pinheiro*, empresa que esteve na vanguarda da construção de equipamentos para a transformação/corte de madeiras, catapultado o nome da Trofa para todo o país e mundo.

Uma fábrica com enorme dinâmica acabaria por estar durante vários anos na frente do mercado nacional e internacional, sendo uma referência para o país e para a cidade da Trofa, conseguindo empregar centenas de trabalhadores.

As empresas dedicadas à produção de máquinas para a transformação de madeiras, acabariam por se fixar na Trofa, surgindo mais empresas desse ramo e desse grupo destaque para a empresa, MIDA, tendo a localidade duas grandes empresas, sendo necessário abastecer de peças e restantes equipamentos para apoio da laboração das duas maiores empresas, acabariam por surgir várias outras empresas que no presente se tornaram referências mundiais na sua área.

A aproximar para o final do segundo conflito bélico mundial, apoiando na leitura do Guia de Turismo editado em 1947 pela Câmara Municipal de Santo Tirso<sup>30</sup>, analisando os dados sobre a freguesia de S. Martinho de Bougado, entre oficinas e empresas, seriam aproximadamente de cem. Sendo as indústrias superiores às seis dezenas.

<sup>28</sup> "O triste estado dos nossos caminhos" *O Trofense*, dezembro 2, 1928

<sup>29</sup> "Pela Trofa, Trofenses" *O Trofense*, janeiro 11, 1931

<sup>30</sup> A publicação referenciada, tem especial importância de que poucos exemplares chegaram até ao presente, tendo sido consultada a fotocópia de um exemplar na Casa da Cultura, a Biblioteca Municipal da Trofa. Os dados biográficos sobre a obra são raros e imprecisos pela falta de ficha técnica.

Um número elevado de empresas de vários sectores, contudo a indústria têxtil e derivados eram as mais representativas, seguindo-se a indústria metalúrgica. Havia indústrias dedicadas à produção de: sacos de papel, refrigerantes e licores, farinhas alimentares, escovas e vassouras, chapéus.

Relativamente a Santiago de Bougado a rede de fábricas era mais frágil por ter menos fábricas, mas com bastantes mais oficinas. As fábricas tinham um plano marginal na economia da freguesia, com as oficinas num patamar intermédio e com principal destaque a recair sobre as lojas e armazéns.

As únicas fábricas existentes em Santiago de Bougado eram dedicadas à produção de cutelarias<sup>31</sup> e tecidos de algodão.

Nos anos 60, quando da publicação do novo periódico sobre a Trofa, após décadas de ausência de imprensa local, analisando as suas páginas, possível verificar uma quantidade enorme de anúncios a empresas localizadas nas duas freguesias, comprovando o enorme dinamismo que a futura cidade tinha no seu limite geográfico. Referências a diferentes empresas de metalomecânica, montagem de máquinas industriais, indústrias têxteis, oficinas de carpintaria, um número elevado de equipamentos industriais que colocavam a Trofa no patamar do progresso.

Uma relação de dependência com dois grandes tipos de produção industrial, a indústria têxtil que motivava que surgissem fábricas nas proximidades para oferecer serviços de auxílio às suas atividades e também na área da metalomecânica para apoiar as atividades da indústria têxtil e produzir maquinaria para outro tipo de indústrias. Não havendo somente as grandes indústrias como também, as pequenas e médias empresas em enorme número.

## 5. Importância do caminho de ferro e da rede viária

Num primeiro nível de desenvolvimento dos transportes e redes de comunicação, relevante referir os acontecimentos de 5 de maio de 1852 da inauguração da estrada que ligava o Porto a Braga, sendo essencial referir que a carreira da malaposta<sup>32</sup>, tinha paragem obrigatória na Trofa.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Segundo informações retiradas do guia, importante referir que a produção da fábrica de cutelaria era exclusiva para o mercado ultramarino as antigas colónias em África até 25 de Abril de 1974

<sup>32</sup> O sistema da malaposta era o sistema primitivo de distribuição postal e de transporte de passageiros existente em Portugal em que o seu sistema de distribuição era realizado por veículos de tração animal e este em uso praticamente até à chegada do comboio, acabando o novo meio de transporte por substituir esse sistema de distribuição.

<sup>33</sup> PINTO, Ricardo Santos; *À Descoberta do Vale do Ave: Rotas do Património Edificado e Cultural*, Paços de Ferreira: Héstia, 2006, pag.40

O caminho de ferro, chegava à Trofa alguns anos depois em 20 maio de 1875, modificando para sempre a localidade e respetivamente o modo de vida da população.

Numa primeira fase, até início da Primeira República o progresso industrial da localidade teve adormecido para nos primeiros anos do novo regime político ocorrer um *verdadeiro formigueiro* humano nos arredores da estação dos caminhos de ferro.

Não podendo deixar de referir que a Trofa, além de ser atravessada pelo caminho de ferro era também atravessada por duas importantes estradas nacionais que com o passar dos anos do século XX viram a sua importância a aumentar, com as várias empresas da cidade a procurarem-se fixar junto o seu traçado.<sup>34</sup> Referência para a estradas nacionais nº14 e nº104 que ligavam Porto a Braga e Guimarães a Vila do Conde respetivamente.

Após a primeira ligação ferroviária estar concluída, passados oito anos, a Trofa ficaria servida por mais uma ligação ferroviária, fazendo a ligação entre a Trofa e Vizela. Somente um ano depois chegaria a Guimarães e alguns anos depois em pleno século XX (1907) chegaria a Fafe. Ligando a Trofa a Fafe com todo o trânsito ferroviário de Santo Tirso, Guimarães e Fafe com destino ao Porto ou outros pontos do país a ter de sofrer transbordo na estação de caminhos de ferro da Trofa, dinamizando o tecido empresarial/económico.

As autoridades nacionais procurando resolver o acesso direto da Linha de Guimarães ao Porto, encetou vários esforços para a conclusão desse troço até à Senhora da Hora e consecutivamente até ao Porto.

A 3 de março de 1929 afirmava-se na imprensa local que a construção da linha de ferro entre a Trofa e a Senhora da Hora era uma necessidade, iria ser mais um motor de desenvolvimento da vida económica da cidade, surgindo a hipótese de uma melhor comunicação inclusivamente com regiões vizinhas que não acontecia devido às grandes dificuldades.<sup>35</sup> Descrevendo nas linhas seguintes que a indústria e o comércio tinham muito a lucrar, sendo um passo muito grande para o desenvolvimento da região.

Anunciado em fevereiro que no mês seguinte em março de 1932 ia ser inaugurada a linha de comboio entre a Senhora da Hora e a Trofa, ficando a Trofa servida de mais uma linha de comboio, um importante meio para o desenvolvimento da Trofa que era necessário para um maior desenvolvimento da indústria e do comércio.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Num primeiro patamar as empresas procuraram localizar as suas unidades empresariais nas proximidades da Estação de Caminhos de ferro e posteriormente com a vulgarização do automóvel e veículos pesados rodoviários de transporte de mercadorias, optaram por se localizar junto às estradas nacionais. No presente uma das maiores ambições da cidade da Trofa é a criação de uma variante à estrada nacional 14, atendendo que é o principal eixo rodoviário com uma enorme pressão.

<sup>35</sup> “A construção da linha férrea Trofa – Senhora da Hora” *O Trofense*, março 3, 1929

<sup>36</sup> “Inauguração da linha Senhora da Hora à Trofa” *O Trofense*, fevereiro 21, 1932

A Trofa estava ligada a Braga e ao Porto desde o último quarto do século XIX e na década de trinta do século XX, iria ganhar mais uma linha com ligação até à cidade do Porto, concretamente em 1938 com a inauguração da ligação entre a Senhora da Hora e a Trindade.<sup>37</sup>

## 6. Introdução de infraestruturas básicas de apoio à população/indústria

As primeiras indústrias por inércia obrigavam a que chegassem vários equipamentos de comunicação à localidade para facilitar as trocas comerciais e por seguinte fazer crescer a rede empresarial.

Antecedente ao telefone, chegou o telégrafo ao país no século XIX, rapidamente os habitantes das duas freguesias reclamaram este equipamento fundamental, e em 1913 o poder político local, movendo influências junto do Governador Civil do Porto e por intermédio desse representante regional do poder, reclamaram a instalação de uma central de telégrafo junto da estação de caminho de ferro e serviram-se do facto de naquela estação ser realizado o entroncamento da Linha de Braga com a Guimarães e Fafe.<sup>38</sup>

Alguns meses passados em julho de 1914, surgem novos dados na imprensa alertando para a necessidade que a estação de telégrafo fosse uma realidade, com a Associação Comercial sediada em Santo Tirso a pressionar as autoridades para que aquele equipamento fosse uma realidade.<sup>39</sup> Contudo, seria necessário aguardar praticamente dois anos, após as primeiras referências na imprensa para a estação telégrafo local ser uma realidade, sendo inaugurada em agosto de 1915, destacando a imprensa o papel importante do administrador concelhio, Virgílio Coelho de Andrade que com o apoio da Associação Comercial e Industrial de Santo Tirso para que aquele melhoramento local fosse efetivo.

Importante referir que na imprensa, no artigo da inauguração escrevia-se: “Uma terra de tanta população e movimento comercial e industrial como a Trofa, dificultosamente poderia continuar sem tal regalia postal que lhe adviriam graves prejuízos para o seu engrandecimento. Povoações que relativamente são de menor importância, veem gozando, primeiro dos privilégios que sempre resultam da criação duma estação telégrafo postal.”<sup>40</sup>

<sup>37</sup> A Trofa aguarda desde 2001 a reconversão do antigo canal ferroviário da Linha de Guimarães em todo o território do concelho da Trofa para acolher a ligação à rede do Metro do Porto.

<sup>38</sup> “Estação telégrafo – postal” *Jornal de Santo Tirso*, outubro 16, 1913

<sup>39</sup> “Estação telégrafo – postal” *Jornal de Santo Tirso*, julho 9, 1914

<sup>40</sup> “Estação telégrafo – postal” *Jornal de Santo Tirso*, agosto 26, 1915

No ano de 1927 a 6 de novembro no periódico, *Ecos da Trofa* foi noticiado que dentro de um mês chegaria a luz elétrica à Trofa e era um importante melhoramento, ansiosamente aguardado pelo seu valor acrescido e da grande celeuma em seu torno. Contudo importante referir que seriam apenas 15 lâmpadas a iluminar a Trofa.<sup>41</sup>

Nas semanas seguintes desta publicação, referência também ao apelo para a introdução do telefone na localidade, destacando que a cidade de Santo Tirso, possuía tal apoio ao seu desenvolvimento e na Trofa ainda não havia: "... podendo ser uma importante alavanca ao desenvolvimento comercial do importante centro industrial já existente na cidade."<sup>42</sup>

Uma enorme alavanca para o desenvolvimento que a Trofa ia sofrendo escreveu-se na imprensa local: "Conhecia a Trofa há 20 anos e conheço-a hoje. Que diferença! Que contraste! A esta extraordinária diferença há a juntar a resolução do problema das escolas, da iluminação elétrica, e brevemente este grande e também importantíssimo melhoramento o telefone.

A Trofa está, pois, naquela fase de desenvolvimento que é preciso ter fé para breve se poder avaliar a obra de progresso e de riqueza que andamos a cavar a alicerce-la e levantar para melhores dias se sucederem....

Trabalha-se afanosamente, na Trofa, na instalação da luz elétrica, que será uma realidade muito em breve, como sabem e fala-se já também como acima dizemos na realização de um outro melhoramento importante o telefone já muito reclamado porque são grandes as suas vantagens. Trabalha-se sim louvavelmente e com entusiasmo. Mais nos dizem que será aproveitado para comunidade de particulares e principalmente para o comércio e indústria."<sup>43</sup>

O processo introdutório da luz pública na cidade da Trofa sofria inúmeros contratemplos destacando-se que a luz falhava variadas vezes, não havendo uma justificação lógica para esse facto.<sup>44</sup>

Praticamente, um ano e meio após os alertas para a construção de uma linha telefónica, foi relatado em maio de 1929 que o telefone vinha a caminho da Trofa, sendo destacado o facto do mesmo vir de Famalicão e não da sede do concelho (Santo Tirso) considerada uma vitória para a Trofa. Um investimento que apenas foi possível após várias personalidades locais terem pressionando as autoridades e sobretudo pela rede de comércio e indústria

<sup>41</sup> "Pela Trofa – Enfim Luz!..." *Ecos da Trofa*, novembro 6, 1927

<sup>42</sup> "Telefone" *Ecos da Trofa*, novembro 6, 1927

<sup>43</sup> "A Trofa", *Ecos da Trofa*, novembro 20, 1927

<sup>44</sup> "Iluminação pública" *O Trofense*, abril 15, 1928

que necessitava dessa serventia, tendo de contribuir os seus proprietários para custear a obra.<sup>45</sup> Uma obra que se tornava realidade em grande parte pelo investimento privado e não do investimento público como ocorreu em outras localidades vizinhas.

A cabine telefónica iria chegar à Trofa somente em 1930, concretamente em janeiro, vinda no comboio, confirmando finalmente desse modo a chegada do importante meio de comunicação à localidade.<sup>46</sup>

A cabine telefónica iria ser inaugurada solenemente no dia 12 de fevereiro de 1930, com direito a utilização gratuita naquele dia durante as 12h e as 16h, houve rebentamento de foguetes e também a oferta de almoço às individualidades presentes, um ambiente de verdadeira euforia e entusiasmo, sendo nos dias seguintes à inauguração montada a rede anexa de telefone, para permitir a chegada deste meio de comunicação a casa de particulares.<sup>47</sup>

Porém, próximo a meados de 1931, largos meses após a sua chegada, a notícia que a rede telefónica na localidade ainda continuava por montar que condicionava e prejudicava a evolução da localidade, que era referida como uma localidade de destaque no meio empresarial do país que estava abandonada nesse ponto porque o desenvolvimento de telecomunicações era fundamental para um maior desenvolvimento da indústria.<sup>48</sup>

Relativamente a telecomunicações, nessa época, as instalações dos correios na Trofa, eram relatadas que as suas infraestruturas eram de fraca qualidade, o que condicionava a sua missão e era um outro entrave ao desenvolvimento da localidade.<sup>49</sup>

Escrevia-se em 1961 que era necessário definir um plano de urbanização para a Trofa, porque a cidade crescia a um ritmo crescente que facilmente se observava em todos os sectores.<sup>50</sup> Também em 1961 a inauguração de novas instalações dos correios na Trofa, um evento que teve enorme pompa, um dos dias que ficou na história da cidade, mais um avanço para a melhoria das condições para troca de informações como também para o desenvolvimento industrial.<sup>51</sup>

<sup>45</sup> “Avante, Trofenses! O telefone vem aí!” *O Trofense*, março 31, 1929

<sup>46</sup> “Cabine telefónica” *O Trofense*, janeiro 12, 1930

<sup>47</sup> “Inauguração da cabine telefónica” *O Trofense*, fevereiro 23, 1930

<sup>48</sup> “O Telefone” *O Trofense*, maio 31, 1931

<sup>49</sup> “Bairrismo – defendendo a Trofa – melhoramentos” *O Trofense*, agosto 9, 1931

<sup>50</sup> “Plano de Urbanização” *Jornal da Trofa*, junho 10, 1961

<sup>51</sup> “Foi solenemente inaugurado o novo edifício dos CTT na Trofa” *Jornal da Trofa*, maio 27, 1961



## 7. Cultura e Lazer Operário

Numa cidade com cunho claramente industrial, uma população em constante evolução era necessária oferecer distrações aos seus habitantes para ocupar o seu tempo de lazer e ajudar a formar a identidade da sua localidade.

Dois anos antes em 1925, referências na imprensa que o teatro entrava em passos rápidos e firmes na Trofa, numa fase em que a localidade também entrava numa fase de grande prosperidade, descrevendo-se que havia a necessidade de se fundar uma casa de diversões, onde os trofenses e os visitantes pudessem passar os seus serões.<sup>52</sup>

A inauguração da primeira casa de espetáculos foi a 19 de julho de 1925 e era localizado num enorme armazém cedido por um dos empresários da cidade, José da Fonseca Sampaio. Sobre as instalações, poucas informações sobre a sua estrutura, apenas que tinha 2 andares, janelas enormes com boa exposição solar e no seu pano central tinha representada a Estação Caminho de Ferro. Na sua inauguração teve um enorme movimento de pessoas e quando a orquestra começou a tocar, para dar início ao primeiro espetáculo, uma enorme e prolongada salva de palmas e vários chapéus a serem agitados.

Camilo Augusto Vieira teve um importante papel segundo a imprensa, para a Trofa ter teatro e por último o nome dado à sala de espetáculos foi de *Teatro Ideal Trofense*.<sup>53</sup>

Passados seis meses após a inauguração da sala de espetáculos, descrito na imprensa em janeiro de 1926 que havia o desejo de se fundar uma companhia de teatro para depois os lucros dos seus espetáculos serem usados para a criação de um quartel de bombeiros e a respetiva compra de uma bomba, mas acabou por cair no esquecimento.<sup>54</sup> Contudo, nessa mesma notícia foi referida a sentença de morte do primitivo teatro, por razões financeiras, a renda era elevada, no valor de 400 escudos mensais, com o pessoal envolvido nesse processo em assembleia geral a decidir encerrar o teatro e no domingo seguinte ia ser leiloados os móveis e os cenários.

Alguns meses depois em abril desse mesmo ano, surgiu o *Grupo Dramático Musical de S. Tiago de Bougado*, demonstrando que apesar de em S. Martinho de Bougado a cultura atravessar um mau momento, em Santiago de Bougado viviam-se tempos promissores.<sup>55</sup>

<sup>52</sup> "O Teatro" *Jornal de Santo Tirso*, junho 11, 1925

<sup>53</sup> "Trofa- Inauguração do Teatro" *Jornal de Santo Tirso*, julho 23, 1925

<sup>54</sup> "Trofa" *Jornal de Santo Tirso*, janeiro 14, 1926

<sup>55</sup> "Surgimento do Grupo Dramático Musical de Santiago de Bougado" *Jornal de Santo Tirso*, abril 8, 1926



Na Trofa em dezembro de 1927, numa fase de desenvolvimento económico continuava a haver lacunas no âmbito do entretenimento, referindo-se que não havia clubes nem cafés que eram fundamentais para o turismo.<sup>56</sup>

O desejo de voltar a haver oferta cultural aos habitantes de S. Martinho de Bougado não esmoreceu e passado alguns meses surgiram novas notícias relativas a um novo teatro existente que era denominado: *Teatro Recreativo Trofense* e realizava alguns espetáculos, muitos para apoiar as instituições que iam nascendo na Trofa.<sup>57</sup> Havendo peças de teatro com bastante público a assistir, mostrando que havia falta de oferta neste capítulo na localidade. Contudo passados em janeiro de 1929 era anunciada uma empresa<sup>58</sup> proprietária de Alfredo Machado com o nome de *Teatro Cine da Trofa*,<sup>59</sup> mas a peça ia ser apresentada ao público no Teatro Recreativo Trofense, com o público aderir em massa ao espetáculo.<sup>60</sup> Porém, nas edições seguintes do jornal destacava-se que o público ia aderindo em menor número aos eventos do teatro, nomeadamente o cinema que o público não aderira, em contrapartida aderiam mais rapidamente às tabernas.<sup>61</sup>

As instalações do teatro acabariam por ser pasto para chamas, após a realização de um baile, deflagrou um incêndio que um empregado do Caminho de Ferro ao ver, as línguas de fogo e a torre de fumo, chamou rapidamente os bombeiros que contou com a preciosa ajuda das várias sirenes das fábricas que existiam na Trofa, apoiada no toque a rebate do sino da igreja e devido à enorme carga combustível no seu interior, as chamas atingiram proporções gigantescas que só os bombeiros poderiam resolver aquela situação nefasta, chegado ao local os bombeiros das corporações dos Bombeiros de Famalicão e numa fase posterior os Bombeiros de Santo Tirso.

Os bombeiros chegados ao local apenas tiveram de fazer o rescaldo e mais algumas operações, culpando a falta de telefone para a demora no combate ao incêndio.<sup>62</sup>

Nas edições seguintes do jornal *O Trofense* foi lançado um apelo á reconstrução do espaço, contudo, acabaria por ficar no esquecimento e a proposta esquecida.

Importante referir que muito do lazer e da cultura operária que acontecia na Trofa se realizava nas festas de cariz religioso que eram várias acontecer nas duas freguesias, com

<sup>56</sup> "O Nosso progresso" *Ecos da Trofa*, dezembro 4, 1927

<sup>57</sup> "Ecos da Trofa" Grande Espetáculo, dezembro 18, 1927

<sup>58</sup> A empresa em questão era uma empresa certamente de realização de eventos culturais

<sup>59</sup> "Teatro Cine da Trofa" *O Trofense*, janeiro 6, 1929

<sup>60</sup> "Teatro Recreativo Trofense, *O Trofense*, janeiro 20, 1929

<sup>61</sup> "O nosso teatro" *O Trofense*, fevereiro 3, 1929

<sup>62</sup> "Pavoroso incêndio – o Cineteatro Trofense devorado pelas chamas" *O Trofense*, fevereiro 17, 1929

especial relevo para as festas em Honra de Nossa Senhora das Dores, no 3º domingo de agosto.

No patamar desportivo, noticiado a 27 de maio de 1928 que nascia na cidade um clube desportivo com o nome de Sporting Club da Trofa<sup>63</sup>, trata-se de um aspeto meramente formal, através da análise da imprensa desportiva do Porto é possível afirmar que esta instituição existia em tempo anterior, sendo o segundo clube a surgir na cidade, o primeiro foi o Football Clube da Trofa, com uma estrutura desportiva que atendendo às informações que chegaram ao presente, teria uma organização frágil com um período de vida bastante curto, apoiando esse argumento no facto de a equipa não se ter inscrito nas provas organizadas pela Associação de Futebol do Porto.

No final da década de vinte do século passado, a prática do futebol se tornou regular na localidade, havendo uma solidificação das associações desportivas até meados da década de trinta em que a principal instituição desportiva, Clube Desportivo Trofense, teve de deixar a prática desportiva oficial por impedimentos financeiros e administrativos.

Nos últimos anos da década de vinte e o primeiro da década de trinta, ocorreu uma procura de melhores condições para a prática desportiva usando terrenos públicos com condições propícias para a prática da modalidade até à construção do primeiro campo de futebol inaugurado em outubro de 1930 que posteriormente recebeu também torneios de tiro.

No plano desportivo, importante referir que a prática desportiva do futebol, chegaria a Santiago de Bougado com carácter organizado em torno de uma instituição, somente nos anos de 1970 com a criação do Atlético Clube Bougadense com data oficial de fundação a 12 de março de 1972 que rapidamente se inscreveu nos campeonatos organizados pela Associação de Futebol do Porto.<sup>64</sup>

Contudo, nas primeiras edições de 1931 da imprensa local, vários foram os artigos que destacaram a necessidade, além de criar melhores meios de comunicação e instituição de uma corporação de bombeiros, como também a fundação de um clube para os seus habitantes passarem o seu tempo ocioso. A preocupação da imprensa relativamente a esse assunto é de salutar, acompanhando as correntes existente à época.

O Clube Trofense, colmatou essa necessidade, merecendo a sua inauguração honras de destaque na imprensa em 20 de março de 1932, anunciando: "... a sua abertura ia ser um facto, após muito tempo em que foi defendida a criação de um clube onde os homens de atividade pudessem reunir-se à noite, discutindo os temas atuais e receber figuras ilustres

<sup>63</sup> "Fundação do Sporting Club da Trofa", *O Trofense*, maio 27, 1928

<sup>64</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.330

na cidade. Num segundo patamar seria criado uma biblioteca para cultura dos seus sócios e frequentadores, sendo um clube para os sócios e sua família...”<sup>65</sup>

Tentando ampliar a oferta desportiva e associativa, anunciado na imprensa que iria nascer uma nova agremiação desportiva, denominada “Clube Náutico Trofense”, uma instituição que nascia da vontade de meia dúzia de jovens, tendo uma secção de natação e de remo, para servir de apoio ao desenvolvimento da prática da educação física na Trofa.<sup>66</sup> Contudo, sobre este projeto desportivo não houve mais informações.

O ano de 1951 seria fundado um dos elementos mais marcantes da sua cultura popular, como também um símbolo de afirmação além portas, a sua Banda de Música que seria um dos seus maiores embaixadores locais até ao presente (2017).<sup>67</sup>

## 8. Oferta educativa

Um dos sinónimos de progresso é o número de crianças a habitar na localidade, como também o número de estabelecimentos de ensino e a oferta educativa para justificar a ascensão à categoria de cidade.

A primeira escola a instalar-se em S. Martinho de Bougado foi apenas em 1885, seria vocacionada para o ensino de rapazes.<sup>68</sup> Na freguesia de Santiago de Bougado em data aproximada surgiu uma escola apenas para raparigas que funcionou numa casa particular, numa sala arrendada existindo ainda o edifício no presente (2017) localizado nas traseiras da Igreja Paroquial da Lagoa.<sup>69</sup>

Porém, informação recolhida por José Pereira da Silva, consultada na sua obra: *O ensino primário na Trofa: sua história, desde as suas primeiras escolas até aposentação do autor*, remete para um passado anterior a 1885 a introdução da primeira escola primária nas freguesias de Bougado e posterior cidade da Trofa. Informando que o primeiro pedido para a colocação de uma escola aconteceu em 1873, com o Presidente da Junta de Paróquia, Abade António Carneiro Maia, rogando à Câmara Municipal de Santo Tirso para a nomeação para S. Martinho de Bougado de um professor de ensino primário e por esse meio constituir a primeira escola de ensino primário. A 18 de dezembro desse ano, a Câmara Municipal de

<sup>65</sup> “Inauguração do clube” *O Trofense*, março 20, 1932

<sup>66</sup> “Clube Náutico Trofense” *O Trofense*, março 19, 1932

<sup>67</sup> “10º aniversário da Banda da Trofa” *Jornal da Trofa*, agosto 19, 1961

<sup>68</sup> O edifício para essa escola, não existe no presente (2017) tendo sido demolido a quando da requalificação do Parque Nossa Senhora das Dores. A referida infraestrutura ao longo dos anos teve variadas funções até pouco tempo antes da sua demolição.

<sup>69</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.277

Santo Tirso decidiu favoravelmente a esse pedido, não havendo uma data concreta para quando do seu funcionamento, podendo a data ser apontada para 1875/76 e a primeira referência ao seu funcionamento em documental remete para 1879 continuando a ser anterior a 1885.<sup>70</sup>

Contudo, através da análise dos dados publicados no *Jornal de Santo Tirso* em novembro de 1916 foi possível verificar que os analfabetos eram ainda em número superior aos que sabiam ler com especial relevo a discrepância entre as mulheres analfabetas e as que sabiam ler, com as analfabetas a ser o seu número seis vezes superior às que sabiam ler e escrever.<sup>71</sup>

A julho de 1927 eram descritas as escolas de Bougado como estabelecimentos de ensino com graves lacunas e com fracas condições. Afirmando-se: “...era um crime manter as crianças presas durante algumas horas dentro daquelas salas sem luz e obrigando a respirar o ar viciado...” Apelando aos bougadenses para se unirem e procurarem uma solução para resolver aquele problema.<sup>72</sup>

O assunto foi amplamente discutido na imprensa nas edições dos meses seguintes, havia uma vontade férrea de dotar a cidade de melhor parque escolar para um melhor desempenho escola dos alunos.

A falta de condições do parque escolar, voltou a ser novamente destacado no final de 1931 na imprensa, na escola dos rapazes havia cento e tal alunos, um numero bastante elevado, com as instalações escolares a não conseguir albergar tantos alunos, ficando sem capacidade de resposta.<sup>73</sup>

Na década de 40, no ano letivo de 1943/44, funcionavam o ensino primário em três lugares na freguesia de S. Martinho de Bougado. O número de alunos vinha de ano a ano sempre a subir acompanhando o ritmo da população.<sup>74</sup>

As infraestruturas escolares foram acompanhando com algum desfasamento a evolução da população, sempre com uma resposta tardia, sendo traçado na década de 1990 a quantidade de oferta do parque escolar: dois estabelecimentos de escolas pré-primária, aproximadamente uma dezena de escolas primárias, a existência de um estabelecimento de

<sup>70</sup> SILVA, José Pereira; *O ensino primário na Trofa: sua história, desde a criação das primeiras escolas até à aposentação do seu autor*, Braga: Correio do Minho, 1993, pag.12

<sup>71</sup> “Freguesia: Analfabetos e sabem ler” *Jornal de Santo Tirso*, novembro 12, 1916

<sup>72</sup> “Por Bougado – As nossas escolas” *O Trofense*, julho 3, 1927

<sup>73</sup> “Falta de escolas” *O Trofense*, novembro 29, 1931

<sup>74</sup> SILVA, José Pereira; *O ensino primário na Trofa: sua história, desde a criação das primeiras escolas até à aposentação do seu autor*, Braga: Correio do Minho, 1993, pag.79

ensino privado<sup>75</sup>, ciclo preparatório e por fim o liceu, o último nível de ensino obrigatório em Portugal.<sup>76</sup>

## 9. Criação da corporação de Bombeiros

Uma marca do desenvolvimento humano e económico de uma localidade, a constituição de uma corporação de bombeiros. O processo de fundação deste tipo de associação humanitária na cidade da Trofa sofreu vários revezes e foi um processo bastante complicado e conturbado. Recordando ser fundamental uma corporação de bombeiros numa localidade que almejava ser cidade, sendo esse um dos fatores necessários para essa evolução.

Havendo uma crescente evolução do número de empresas, destacando a falta de condições de segurança dessas instalações, correndo riscos de haver vários incêndios de grandes proporções, reforçando a necessidade de haver uma corporação de bombeiros para ocorrer a esses possíveis incêndios.

Uma situação previsível, havendo em agosto de 1924, um violento incêndio durante a madrugada, na *Fábrica Industrial do Ave*, onde se fabricava pentes conjuntamente com a serração e carpintaria. Atingindo as chamas um armazém que tinha uma enorme reserva de massa para pentes, botões de madeira seca que mobilizou um elevado número de pessoas para apagar o incêndio. Os elementos da corporação dos Bombeiros Voluntários de Famalicão e de Santo Tirso foram mobilizados para o incêndio que colou em risco várias casas próximas à fábrica. Os prejuízos foram avultados com os seguros das instalações a cobrir um valor bastante baixo ao valor dos prejuízos finais.

Os bombeiros acabaram por realizar apenas o rescaldo ao incêndio, no edifício que ardeu completamente.<sup>77</sup> Talvez com a presença de uma corporação de bombeiros na localidade a respetiva destruição poderia ter sido mais diminuta.

A constituição da corporação de bombeiros continuava a ser debatida em 1928 nas páginas do *O Trofense*, escrevendo-se: "... que era uma luta para a Trofa, uma aspiração da população da Trofa, que se podia apoiar no contributo financeiro realizado nos teatros e outros espetáculos em que a sua receita revertia para essa finalidade...". Importante destacar

<sup>75</sup> Segundo Napoleão de Sousa Marques, o ensino particular na Trofa remonta à primeira metade do século XX, nos anos de 1920 a 1940 com professores a realizarem ensino privado. Na freguesia de S. Martinho de Bougado, funcionou próximo à Igreja Paroquial de S. Martinho enquanto em Santiago de Bougado na avenida de acesso à Igreja da Lagoa, no rés do chão de uma habitação funcionou a escola privada. - MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.279

<sup>76</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.283

<sup>77</sup> "Um grande incêndio na Trofa" *Jornal de Santo Tirso*, agosto 14, 1924

o papel de Augusto Padrão<sup>78</sup> no incentivo para que se tornasse uma realidade a corporação de bombeiros que poderia servir de auxílio, não somente à cidade da Trofa, mas também à população de freguesias vizinhas.<sup>79</sup>

A 23 de setembro de 1928, seis meses passados, na imprensa local foi novamente escrito que era importante a constituição de um corpo de bombeiros, usando como argumento para a concretização dessa necessidade: “O nosso meio industrial e comercial é já muito desenvolvido e encontra-se completamente desprevenido contra o grande flagelo, de todos o mais terrível”.<sup>80</sup>

Os meses e anos passaram e continuaram as notícias na imprensa a apelar a criação de uma corporação de bombeiros, pedindo o apoio aos empresários da cidade, para apoiarem aquela iniciativa que era bastante necessária para a cidade, como também para o seu engrandecimento.<sup>81</sup>

No final de 1931 escrito novamente que ia ser criada uma corporação de bombeiros, apoiada na iniciativa de um grupo de jovens que queria concluir com êxito essa missão, escrevendo inclusivamente a Sr. José Silva e Sousa a dádiva de um carro deixado por si em Portugal antes da sua viagem ao Brasil.<sup>82</sup> Contudo tal projeto acabaria por seguir o caminho de todos os outros anteriores e não ter um final positivo.

O processo sofreu vários revezes e em 1966 era anunciado no *Jornal da Trofa*, um apelo à população da Trofa para que fosse comprada uma ambulância para acudir aos feridos dos vários acidentes que ocorriam na Trofa, não somente nas estradas como também nas várias fábricas.

No ano de 1970, vários jovens trofenses tentaram criar novamente a referida associação humanitária, uma tentativa com cariz mais sério que todas as outras até então, porque tinha sido inclusivamente enviada a informação necessária para o Governador Civil permitir a constituição daquele tipo de associação, contudo, durante seis anos, não recebeu a autorização para a formação daquela corporação. Nesse espaço temporal de seis anos, os seus principais impulsionadores por intermédio de um peditório adquiriram uma ambulância e começaram a realizar serviços de socorro.

<sup>78</sup> Augusto Padrão foi dos primeiros a colocar nas páginas do jornal local, o alerta para a necessidade de constituição dessa corporação de bombeiros. Na sua vida profissional era professor primária oficial em várias localidades do norte do país.

<sup>79</sup> “Uma corporação de bombeiros” *O Trofense*, março 18, 1928

<sup>80</sup> “A criação duma corporação de Bombeiros” *O Trofense*, setembro 23, 1928

<sup>81</sup> “A corporação dos bombeiros” *O Trofense*, fevereiro 8, 1931

<sup>82</sup> “Corporação de Bombeiros”, *O Trofense*, novembro 15, 1931

Aprovados os estatutos, são eleitos os corpos gerentes da recém-associação, sendo comprado um carro de combate a incêndios, o aluguer de uma sede e a primeira recruta de bombeiros com o seu juramento a ser efetuado em 1978 com o total de 20 elementos.<sup>83</sup>

## 10. A elevação a Vila

A cidade da Trofa acabaria por ser elevada à categoria de vila em 16 de maio de 1984, contudo tal situação era desejada muitos anos antes, concretamente, num passado bastante remoto do século XX, com o jornal *O Trofense*, nas suas páginas, num artigo de opinião a fazer referência que o Jornal *O Primeiro de Janeiro*, tinha se referido à localidade, como vila da Trofa e o cronista afirmava porque não se tornava uma realidade, declarando que a Trofa era bastante desenvolvida se comparada com outras vilas existentes.<sup>84</sup>

A elevação a vila, continuava alimentar páginas de jornais, com destaque para a publicação do dia 11 de junho de 1933, que se anunciava que a Câmara Municipal de Santo Tirso e a Comissão Administrativa da Trofa, estavam a trabalhar para que fosse uma realidade, como também a mudança de nome de S. Martinho de Bougado para Trofa.<sup>85</sup>

A elevação das duas freguesias a Vila da Trofa acabou por ser um procedimento natural, uma população superior ao mínimo necessário para validar esse processo.

Referindo a existência de farmácias, a estação de telecomunicações e a enorme malha de indústrias e de estabelecimentos económicos que criavam um elevado dinamismo, não se justificando a não elevação a vila.

## 11. A elevação a cidade

O número de habitantes sempre em ascensão, não registando quebras demográficas, um tecido empresarial também em crescimento, apoiando-se sobretudo em dois sectores industriais: a indústria têxtil e a indústria metalomecânica.

Os vários equipamentos necessários para se tornar uma cidade eram uma realidade e porventura quando foi elevada anteriormente a vila seria uma certeza que em poucos anos seria uma cidade.

---

<sup>83</sup> MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleta História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997 pag.339

<sup>84</sup> "A vila da Trofa" *O Trofense*, junho 2, 1929

<sup>85</sup> "A Vila da Trofa" *O Trofense*, junho 11, 1933

A Trofa foi elevada a cidade por decreto lei nº29/93 em 2 de julho de 1993, quase dez anos após a elevação a vila a Trofa passou a ser tratada por cidade da Trofa, completando mais um dos muitos passos do seu desenvolvimento.

Um lugar entre duas freguesias, acabaria por ser em aproximadamente um século elevado a categoria de cidade e tornando-se uma referência no país como cidade desenvolvida e polo industrial.

## **12. Conclusão**

Durante a investigação, explanada nesta apresentação foi possível perceber a evolução de um lugar que através de várias etapas acabaria por se tornar uma referência a nível nacional na área da indústria e do empreendedorismo.

Um trabalho complexo e algo moroso, devido alavancar a história de uma localidade que ainda carece de estudos para apoiar a conceção de fontes secundárias para trabalhos sobre a sua história no futuro.

Cruzando várias fontes, foi possível encontrar informações dispare, inclusivamente a ausência total de esclarecimentos relativamente a alguns assuntos, apresentando em alguns pontos deste documento, conteúdos inéditos na esperança que no futuro seja possível conseguir estudos mais aprofundados relativamente à dinâmica económica da cidade da Trofa.

Uma malha empresarial que se iniciou apoiada nos caminhos de ferros e na rede viária que rasga o seu território em toda a sua extensão, surgindo numa fase primordial as oficinas para apoiar a laboração do sector primário que era a atividade económica mais intensa na sua área e que rapidamente com as novas acessibilidades acabaria por perder terreno para o sector secundário, sobretudo em S. Martinho de Bougado, enquanto em Santiago de Bougado, o sector primário apenas iria perder influência para as atividades secundárias posteriormente.

Por fim, importante referir que através do desenvolvimento da indústria no seu território e apesar de várias condicionantes económicas e políticas a Trofa acabou por ser uma referência na indústria e no dinamismo empresarial.



## **Bibliografia**

### **Livros:**

MARQUES, Napoleão de Sousa; *Seleção História da cidade da Trofa – Duas comunidades... um só povo*, Trofa: Edição Paulo Serra, 1997

PINTO, Ricardo Santos; *À Descoberta do Vale do Ave: Rotas do Património Edificado e Cultural*, Paços de Ferreira: Héstia, 2006

SILVA, José Pereira; *O ensino primário na Trofa: sua história, desde a criação das primeiras escolas até à aposentação do seu autor*, Braga: Correio do Minho, 1993

### **Jornais:**

*Ecos da Trofa*

*Jornal da Trofa*

*Jornal de Santo Tirso*

*O Trofense*

### **Internet:**

<http://www.rotanoave.com>